

ARTICULUS 2

Utrum anima humana sit aliquid subsistens

AD SECUNDUM SIC PROCEDITUR. Videtur quod anima humana non sit aliquid subsistens.

1. Quod enim est subsistens, dicitur *hoc aliquid*. Anima autem non est *hoc aliquid*, sed compositum ex anima et corpore. Ergo anima non est aliquid subsistens.

2. PRAETEREA, omne quod est subsistens, potest dici operari. Sed anima non dicitur operari: quia, ut dicitur in *I de Anima*¹, *dicere animam sentire aut intelligere, simile est ac si dicat eam aliquid texere vel aedificare*. Ergo anima non est aliquid subsistens.

3. PRAETEREA, si anima esset aliquid subsistens, esset aliqua eius operatio sine corpore. Sed nulla est eius operatio sine corpore, nec etiam intelligere: quia non contingit intelligere sine phantasmate, phantasma autem non est sine corpore. Ergo anima humana non est aliquid subsistens.

SED CONTRA est quod Augustinus dicit, *X de Trin.*². *Quisquis videt mentis naturam et esse substantiam, et non esse corpoream, videt eos qui opinantur eam esse corpoream, ob hoc errare, quod adiungunt ei ea sine quibus nullam possunt cogitare naturam, scilicet corporum phantasias*. Natura ergo mentis humanae non solum est incorporea, sed etiam substantia, scilicet aliquid subsistens.

RESPONDEO dicendum quod necesse est dicere id quod est principium intellectualis operationis, quod dicimus animam hominis, esse quoddam principium incorporeum et subsistens. Manifestum est enim quod homo per intellectum cognoscere potest naturas omnium corporum. Quod autem potest cognoscere aliqua, oportet ut nihil

ARTIGO 2

A alma humana é algo subsistente?^b

QUANTO AO SEGUNDO, ASSIM SE PROCEDE: parece que a alma humana **não** é algo subsistente.

1. Com efeito, o que é subsistente é designado como *alguma coisa*. Ora, a alma não é *alguma coisa*, mas sim o composto de alma e corpo. Logo, ela não é algo subsistente.

2. ALÉM DISSO, tudo o que é subsistente pode operar. Ora, não se diz que a alma opera, porque como se diz no livro I da *Alma*: “Dizer que a alma sente ou que tem intelecção é como se dissesse que ela tece ou edifica”. Logo, ela não é algo subsistente.

3. ADEMAIS, se a alma fosse algo subsistente, teria alguma operação sem corpo. Ora, nenhuma operação sua é sem corpo, nem a própria intelecção, porque não pode haver intelecção sem as representações imaginárias, as quais não existem sem corpo. Logo, a alma humana não é algo subsistente.

EM SENTIDO CONTRÁRIO, diz Agostinho: “Quem compreende que a natureza da mente é ser substância e não ser corpo, compreende que se equivocam aqueles que opinam ser ela corpo, porque acrescentam a ela as fantasias dos corpos, sem as quais não se pode pensar em uma natureza”. Logo, a natureza da alma humana não só é incorporea, mas também é uma substância, isto é, algo subsistente.

RESPONDO. É necessário dizer que o princípio da operação do intelecto, que é a alma humana, é um princípio incorporeo e subsistente. É claro que o homem pode conhecer, pelo intelecto, a natureza de todos os corpos. Para que possa conhecer algo, não se deve possuir nada em si de sua natureza^c, porque tudo aquilo que lhe fosse por natureza inerente o impediria de conhecer

eorum habeat in sua natura: quia illud quod inesset ei naturaliter, impediret cognitionem aliorum; sicut videmus quod lingua infirmi quae infecta est cholericis et amaro humore, non potest percipere aliquid dulce, sed omnia videntur ei amara. Si igitur principium intellectuale haberet in se naturam alicuius corporis, non posset omnia corpora cognoscere. Omne autem corpus habet aliquam naturam determinatam. Impossibile est igitur quod principium intellectuale sit corpus.

Et similiter impossibile est quod intelligat per organum corporeum: quia etiam natura determinata illius organi corporei prohiberet cognitionem omnium corporum; sicut si aliquis determinatus color sit non solum in pupilla, sed etiam in vase vitreo, liquor infusus eiusdem coloris videtur.

Ipsium igitur intellectuale principium, quod dicitur mens vel intellectus, habet operationem per se, cui non communicat corpus. Nihil autem potest per se operari, nisi quod per se subsistit. Non enim est operari nisi entis in actu: unde eo modo aliquid operatur, quo est. Propter quod non dicimus quod calor calefacit, sed *calidum*. — Relinquitur igitur animam humanam, quae dicitur intellectus vel mens, esse aliquid incorporeum et subsistens.

AD PRIMUM ergo dicendum quod *hoc aliquid* potest accipi dupliciter: uno modo, pro quocumque subsistente: alio modo, pro subsistente completo in natura alicuius speciei. Primo modo, excludit inhaerentiam accidentis et formae materialis: secundo modo, excludit etiam imperfectionem partis. Unde manus posset dici *hoc aliquid* primo modo, sed non secundo modo. Sic igitur, cum anima humana sit pars speciei humanae, potest dici *hoc aliquid* primo modo, quasi subsistens, sed non secundo modo: sic enim compositum ex anima et corpore dicitur *hoc aliquid*.

AD SECUNDUM dicendum quod verba illa Aristoteles dicit non secundum propriam sententiam, sed secundum opinionem illorum qui dicebant quod intelligere est moveri; ut patet ex iis quae ibi³ praemittit.

Vel dicendum quod per se agere convenit per se existenti. Sed per se existens quandoque potest dici aliquid, si non sit inhaerens ut accidens vel

outras coisas. Por exemplo, a língua de um enfermo, biliosa e amarga, não pode perceber algo doce, pois tudo lhe parece amargo. Assim, se o princípio intelectual tivesse em si a natureza de algum corpo, não poderia conhecer todos os corpos. Cada corpo tem uma natureza determinada, sendo, por isso, impossível que o princípio intelectual seja corpo.

É igualmente impossível que se o entenda por um órgão corpóreo, porque a natureza própria daquele órgão corpóreo impediria o conhecimento de todos os corpos. Por exemplo, se uma cor determinada estivesse não somente na pupila, como também num vaso de vidro, o líquido contido seria visto da mesma cor.

Portanto, o princípio intelectual, que se chama mente ou intelecto, opera por si sem participação do corpo. Ora, nada pode operar por si, a não ser que subsista por si. Somente o ente em ato pode operar, e por isso uma coisa opera segundo o modo pelo qual é. Por isso não dizemos que o *calor* esquenta, mas o que é *quente*. — Conclui-se, portanto, que a alma humana, que é chamada de mente ou de intelecto, é incorporea e subsistente.

QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que *alguma coisa* pode ser entendida de dois modos: primeiro, significando qualquer realidade subsistente; segundo, significando uma realidade subsistente completa numa natureza específica^d. Pelo primeiro modo, ficam excluídos os acidentes e as formas materiais. Pelo segundo, exclui-se também a imperfeição da parte. Assim é que a mão pode ser chamada de *alguma coisa* no primeiro modo, não no segundo. Por conseguinte, como a alma humana é uma parte da espécie humana, ela pode ser dita *alguma coisa* no primeiro modo, como se fosse subsistente, mas não no segundo modo, pois desse modo o composto de alma e corpo se diz *alguma coisa*.

QUANTO AO 2º, deve-se dizer que Aristóteles disse aquelas palavras não de acordo com sua sentença, mas de acordo com a opinião dos que diziam que conhecer é ser movido, o que fica claro pelo que aí precede.

Pode-se também dizer que agir por si é próprio daquilo que existe por si. Mas existir por si, às vezes, pode significar uma coisa que não é in-

2 PARALL.: *De Pot.*, q. 3, a. 9, 11; *De Spirit. Creat.*, a. 2; *Q. de Anima*, a. 1, 14; *III de Anima*, lect. 7.

1. C. 4: 408, b, 9-18; S.

2. C. 7: ML 42, 979.

b. Neste artigo, desta vez, é da alma humana que se trata. Não basta afirmar que é incorporea ou imaterial, é preciso acrescentar que é subsistente. O que significa que ela é em si mesma e por si mesma um “sujeito” que existe. Uma “alma” que fosse apenas o ato do corpo vivente não subsistiria em si mesma; seria o vivente do qual ela é o ato que subsistiria. O mesmo ocorre com a alma dos animais. Por que não se pode dizer o mesmo a respeito da alma humana? É que ela é por si mesma, e somente ela, o próprio princípio da operação intelectual, esta se revelando inteiramente incorporea, imaterial. Uma alma que tem sua operação própria tem necessariamente, de próprio, também, sua existência. Assim, portanto, não apenas a alma humana é “espiritual”, é também um “espírito”. Ora, esse “espírito”, esse “princípio pensante” é ao mesmo tempo e como um todo uma “alma”, ou seja, o princípio e o ato de um conjunto material vivo. Note-se que tudo se baseia na intuição do pensamento como transcendendo toda a ordem das realidades materiais.

c. “Para conhecer objetos, não se deve possuir nada em si de sua natureza.” Deve-se pensar que o espírito não é de nenhuma natureza determinada, que é pura intencionalidade? Sem dúvida, não é o que tem em mente Sto. Tomás, mas ele se limita aqui a mostrar que o pensamento humano não é de natureza corporal. Seria preciso acrescentar a seu raciocínio, tomado de empréstimo a Aristóteles, que, à diferença do corpo, o espírito pode tomar uma distância em relação ao que ele é, “ser o que ele não é”.

3. C. cit.: 408, b, 1-9.

d. A “substância”, para Sto. Tomás, não é somente o que subsiste (o ser, enquanto subsistente), é também o que subsiste em certa natureza. Somente então se é *alguma coisa*. O que falta à alma para ser por si só uma substância é realizar em si mesma, e em si somente, a totalidade da “espécie”, da “natureza humana”. Contudo, ao propiciar ao todo subsistente, do qual é a parte formal (o ato), ser uma substância completa, um “alguma coisa”, um “alguém”, permanece ela como o primeiro sujeito da existência que ela lhe comunica, e o próprio e único princípio da operação intelectual.

ut forma materialis, etiam si sit pars. Sed proprie et per se subsistens dicitur quod neque est praedic- to modo inhaerens, neque est pars. Secundum quem modum oculus aut manus non posset dici per se subsistens; et per consequens nec per se operans. Unde et operationes partium attribuntur toti per partes. Dicimus enim quod homo videt per ocu- lum, et palpat per manum, aliter quam calidum calefacit per calorem: quia calor nullo modo cale- facit, proprie loquendo. Potest igitur dici quod anima intelligit, sicut oculus videt: sed magis pro- prie dicitur quod homo intelligat per animam.

AD TERTIUM dicendum quod corpus requiritur ad actionem intellectus, non sicut organum quo talis actio exercentur, sed ratione obiecti: phan- tasma enim comparatur ad intellectum sicut color ad visum. Sic autem indigere corpore non removet intellectum esse subsistentem: alioquin animal non esset aliquid subsistens, cum indigeat exteriori- bus sensibilibus ad sentiendum.

ARTICULUS 3

Utrum animae brutorum animalium sint subsistentes

AD TERTIUM SIC PROCEDITUR. Videtur quod ani- mae brutorum animalium sint subsistentes.

1. Homo enim convenit in genere cum aliis animalibus. Sed anima hominis est aliquid sub- sistens, ut ostensum est¹. Ergo et animae aliorum animalium sunt subsistentes.

2. PRAETEREA, similiter se habet sensitivum ad sensibilia, sicut intellectivum et intelligibilia. Sed intellectus intelligit intelligibilia sine corpore. Ergo et sensus apprehendit sensibilia sine corpore. Animae autem brutorum animalium sunt sensitivae. Ergo sunt subsistentes, pari ratione qua et anima hominis, quae est intellectiva.

3. PRAETEREA, brutorum animalium anima mo- vet corpus. Corpus autem non movet, sed move- tur. Anima ergo bruti animalis habet aliquam operationem sine corpore.

3 PARALL.: *Cont. Gent.* II, 82.

1. A. praec.

e. Para caracterizar a necessidade que tem o pensamento humano do órgão corporal, do qual contudo não procede a título algum, Sto. Tomás sempre sustentará que o pensamento encontra *seu objeto* na *imagem* que, ela sim, é o ato mais elevado, mais apurado de um órgão corporal (os sentidos, o cérebro).

f. A comparação da alma humana com a dos animais irá nos conduzir a afirmar que toda atividade psíquica diversa do pensamento (e da vontade) procede do órgão corporal, ou, antes, do composto, e não apenas da alma. A alma que não pensa não poderia ser subsistente. Entretanto, a alma que pensa não poderia fazê-lo sem utilizar uma atividade psíquica, logo, atividade do composto que ela anima.

rente como acidente, nem como forma material, mesmo que seja parte. Mas, em sentido próprio, subsistir por si se diz do que nem é inerente se- gundo o modo citado, nem é parte. Assim, nem os olhos, nem as mãos podem ser ditos subsistentes por si e consequentemente nem operantes por si. Por isso também as operações das partes são atri- buídas ao todo pelas partes. Dizemos que o ho- mem vê pelos olhos e apalpa pelas mãos, de modo diferente do que o quente aquece pelo calor, por- que o calor não aquece, propriamente falando. Pode-se, por isso, dizer que a alma conhece como os olhos vêem, porém é mais próprio dizer que o homem conhece pela alma.

QUANTO AO 3º, deve-se dizer que o corpo é exigido para a operação do intelecto, não como um órgão pelo qual essa operação é exercida, mas em razão do objeto, pois as representações imagi- nárias estão para o intelecto como a cor para a vista. Pelo fato de necessitar do corpo, o intelecto não deixa de ser subsistente, do contrário, o ani- mal não seria algo subsistente, pois necessita de objetos exteriores sensíveis para sentir^e.

ARTIGO 3

As almas dos animais irracionais são subsistentes?^f

QUANTO AO TERCEIRO, ASSIM SE PROCEDE: parece que as almas dos animais irracionais são subsistentes.

1. Com efeito, o homem tem o gênero em com- um com os outros animais. Ora, a alma humana é algo subsistente, como foi visto acima. Logo, as almas dos outros animais são subsistentes.

2. ALÉM DISSO, os sentidos estão para as coisas sensíveis, como o intelecto para as inteligíveis. Ora, o intelecto conhece os inteligíveis sem o corpo. Logo, o sentido também apreende o sensível sem o corpo. Ora, as almas dos animais brutos são sensitivas. Logo, são subsistentes pelo mesmo mo- tivo que a alma humana, que é intelectiva.

3. ADEMAIS, a alma dos animais irracionais move o corpo. Ora, o corpo não move, mas é

SED CONTRA est quod dicitur in libro *de Eccl. Dogmat.*: *Solum hominem credimus habere ani- mam substantivam; animalium vero animae non sunt substantivae.*

RESPONDEO dicendum quod antiqui philosophi nullam distinctionem ponebant inter sensum et intellectum, et utrumque corporeo principio attri- buebant, ut dictum est³. — Plato autem distinxit inter intellectum et sensum; utrumque tamen attri- buit principio incorporeo, ponens⁴ quod, sicut intelligere, ita et sentire convenit animae secun- dum seipsam. Et ex hoc sequebatur quod etiam animae brutorum animalium sint subsistentes.

Sed Aristoteles posuit⁵ quod solum intelligere, inter opera animae, sine organo corporeo exer- cetur. Sentire vero, et consequentes operationes animae sensitivae, manifeste accidunt cum aliqua corporis immutatione; sicut in videndo immuta- tur pupilla per speciem coloris; et idem apparet in aliis. Et sic manifestum est quod anima sensi- tiva non habet aliquam operationem propriam per seipsam, sed omnis operatio sensitivae animae est coniuncti. Ex quo relinquitur quod, cum ani- mae brutorum animalium per se non operentur, non sint subsistentes: similiter enim unumquod- que habet esse et operationem.

AD PRIMUM ergo dicendum quod homo, etsi conveniat in genere cum aliis animalibus, specie tamen differt: differentia autem speciei attendit- ur secundum differentiam formae. Nec oportet quod omnis differentia formae faciat generis di- versitatem.

AD SECUNDUM dicendum quod sensitivum quo- dammodo se habet ad sensibilia sicut intellecti- vum ad intelligibilia, in quantum scilicet utrum- que est in potentia ad sua obiecta. Sed quodam- modo dissimiliter se habent, in quantum sensiti- vum patitur a sensibili cum corporis immutatio- ne: unde excellentia sensibilibus corrumpit sen- sum. Quod in intellectu non contingit: nam in- tellectus intelligens maxima intelligibilium, magis potest postmodum intelligere minora. — Si vero in intelligendo fatigetur corpus, hoc est per accidens, in quantum intellectus indiget opera- tione virium sensitivarum, per quas ei phantasma praeparantur.

AD TERTIUM dicendum quod vis motiva est duplex. Una quae imperat motum, scilicet appetiti-

movido. Logo, a alma dos animais irracionais tem alguma operação prescindindo do corpo.

EM SENTIDO CONTRÁRIO, diz o livro dos *Dogmas da Igreja*: “Cremos que somente o homem possui alma substantiva, e que as almas dos animais não são substantivas”.

RESPONDO. Os antigos filósofos não distinguem, de modo algum, os sentidos do intelecto, e atri- buíam um e outro a princípios corpóreos, como foi dito. — Todavia Platão distinguiu-os, atribuindo um e outro, porém, a princípios incorpóreos, afir- mando que era próprio da alma, enquanto tal, co- nhecer e, também, sentir. Concluía daí que também as almas dos animais brutos eram subsistentes.

Mas Aristóteles afirmou que somente a intelec- ção entre as operações da alma é exercida inde- pendentemente de órgão corpóreo. Mas sentir e as consequentes operações da alma sensitiva aconte- cem claramente com mudança no corpo. Por exem- plo, ao ver, a pupila muda quando recebe a espécie da cor, e assim acontece nos outros sentidos. Fica, pois, claro que a alma sensitiva não tem operação própria por si mesma, mas que toda operação da alma sensitiva é do conjunto. Onde se conclui que as almas dos animais não operam por si mesmas e, por isso, não são subsistentes. Com efeito, cada um tem, de maneira semelhante, o ser e a operação.

QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que o homem, embora tenha em comum o gênero com os outros animais, distingue-se deles pela espé- cie, e a diferença da espécie se deve à diferença da forma. Nem é necessário que toda diferença de forma implique diversidade de gênero.

QUANTO AO 2º, deve-se dizer que o sentido está de certo modo para os objetos sensíveis como o intelecto para os inteligíveis, enquanto cada um está em potên- cia para seu objeto. Todavia, de certo modo se refe- rem diferentemente, na medida em que os sentidos recebem a ação do sensível com uma mudança no corpo, razão por que a excessiva intensidade do que é sensível é nociva ao sentido. Tal não acontece com o intelecto, pois ele, conhecendo o que é ao máximo inteligível, pode, depois, e melhor, conhecer o que é menos inteligível. — Quando o corpo se fatiga em conhecer, tal se dá, por acidente, porque o intelecto precisou da operação dos sentidos, pelos quais lhe são apresentadas as representações imaginárias.

QUANTO AO 3º, deve-se dizer que são duas as faculdades motoras. Uma, que comanda o movi-

2. C. 16, 17: ML 42, 1216 (= ML 58, 984; 83, 1231).

3. A. 1. — Cfr. q. 50, a. 1.

4. In *Theaeteto*, c. 29, 30: 185 D — 186. Cfr. *Timaeum*, c. 15: 43 C, 44 A.

5. *De Anima*, I, III, c. 4: 429, a, 24-27.